

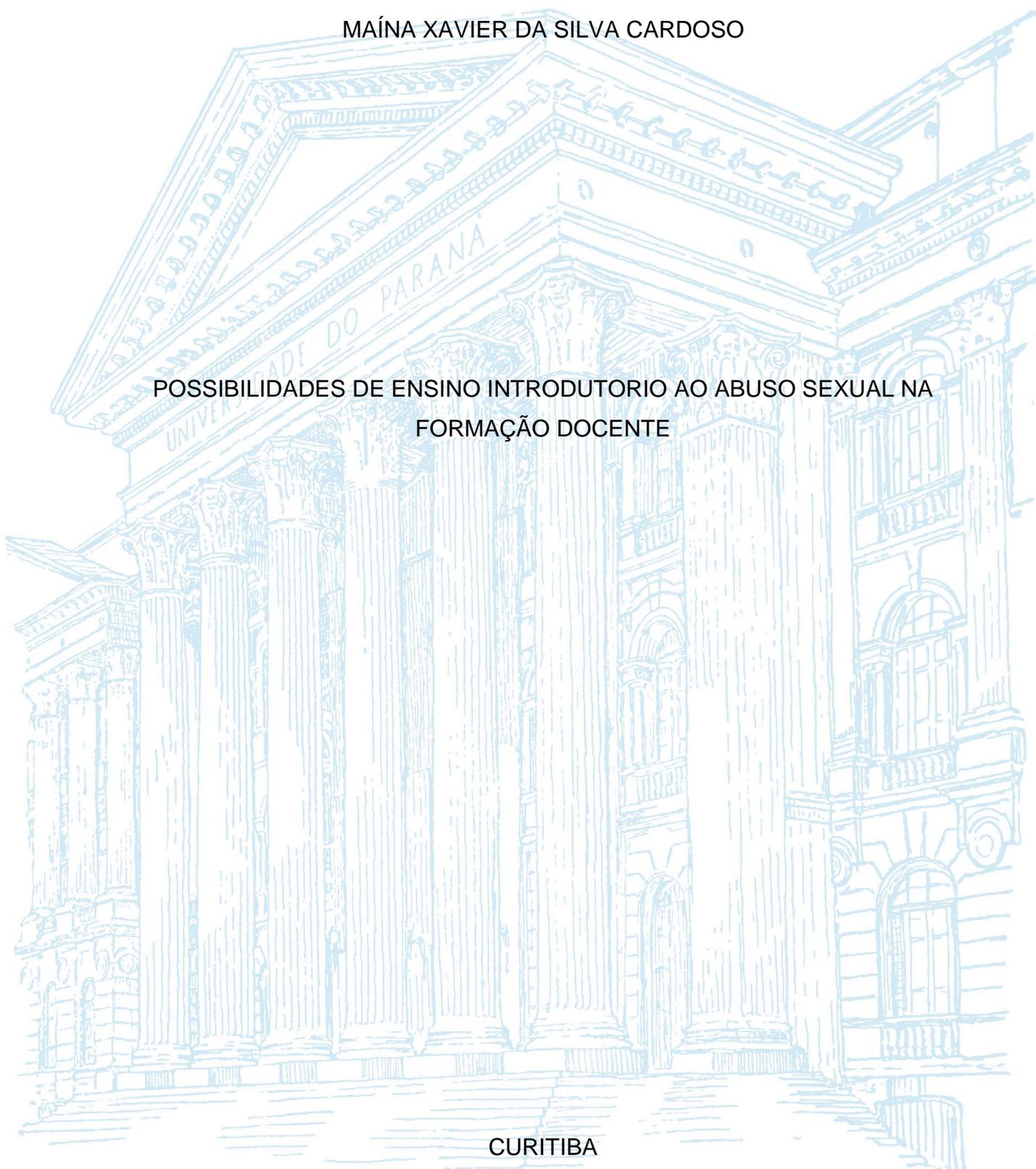
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BÁRBARA VIEIRA MARTINS DE LIMA  
MAÍNA XAVIER DA SILVA CARDOSO

POSSIBILIDADES DE ENSINO INTRODUTORIO AO ABUSO SEXUAL NA  
FORMAÇÃO DOCENTE

CURITIBA

2020



BÁRBARA VIEIRA MARTINS DE LIMA  
MAÍNA XAVIER DA SILVA CARDOSO

POSSIBILIDADES DE ENSINO INTRODUTÓRIO AO ABUSO SEXUAL NA  
FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de pedagogo.

Orientador(a): Profa. Dra. Gabriela Isabel Reyes Ormeno

CURITIBA  
2020

## **AGRADECIMENTOS**

Somos gratas primeiramente a Deus por estarmos concluindo mais uma etapa de nossas vidas, por nos dar força, paciência, foco e determinação para cada vírgula, cada pensamento e cada pesquisa realizada.

Juntamente a esse caminho de luz e de muita coragem, agradecemos aos nossos familiares, amigos e companheiros afetivos, que lidaram com nossos momentos de ansiedade, de nervoso, com as nossas ausências e com nosso compromisso... Vocês foram e são essenciais para nosso crescimento.

Um agradecimento, em especial, a nossa orientadora e mentora Gabriela Reyes, a pessoa incrível que nos acolheu e nos auxiliou mais do que uma professora, mas como uma mãe em cada pedaço desenvolvido, que apesar do difícil momento que passamos nesse ano de ensino remoto nos coordenou com excelência em cada detalhe, assim como os demais professores e colegas de turma que de alguma maneira deixaram um legado e experiências inesquecíveis, que com certeza contribuíram e muito para nossa formação.

Nosso muito obrigada de todo coração,  
Bárbara e Maína.

## RESUMO

O presente trabalho propõe ao leitor uma reflexão sobre a importância da abordagem dos maus tratos infantis na formação de professores, onde será colocado em questão as características, definições e pesquisas sobre a violência sexual e seu impacto para as vítimas. Nas universidades de formação e nas escolas é imprescindível o incentivo a metodologias de ensino, projetos e introdução a temática do abuso sexual, para que os profissionais possam saber identificar e intervir adequadamente nas situações que possam aparecer. Para este conhecimento ser possível, é necessário a inserção de disciplinas que permitam acesso ao tema, dando espaço entre as ementas dos currículos para o repasse de informações teóricas-metodológicas e pesquisas, aumentando assim as chances de domínio do assunto e facilitar o repasse a colegas e demais componentes da equipe envolvida.

Palavras-Chave: Abuso Sexual. Maus tratos. Formação de professores. Pedagogia. Crianças e Adolescentes. Metodologia. Violência Sexual. Agressores sexuais. Psicologia.

## **ABSTRACT**

This work proposes to the reader a reflection on the importance of approaching child abuse in teacher training, questioning the characteristics, definitions and research on sexual violence and its impact on victims. In training universities and schools, it is essential to encourage the use of teaching methodologies, projects and the introduction to the topic of sexual abuse. Therefore, the professionals can know how to properly identify and intervene in situations that may happen. For this knowledge to be possible, it is necessary to insert disciplines that allow access to the theme, giving space between the curricular regular basis for the transfer of theoretical-methodological information and research. Hence, increasing the chances of mastering the subject and facilitating the transfer to colleagues and other components of the team involved.

**Keywords:** Sexual abuse. Mistreatment. Teacher training. Pedagogy. Children and Adolescents. Methodology. Sexual Violence. Sexual aggressors. Psychology.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
1.1	JUSTIFICATIVA .....	8
1.2	OBJETIVOS .....	9
1.2.1	Objetivo Geral .....	9
1.2.2	Objetivos Específicos .....	9
<b>2</b>	<b>MAUS - TRATOS INFANTIS: ABUSO SEXUAL</b> .....	<b>10</b>
2.1	CARACTERÍSTICAS DO ABUSO SEXUAL .....	11
2.2	CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL .....	12
2.3	AGRESSORES SEXUAIS .....	13
<b>3</b>	<b>PESQUISAS RELACIONADAS AO ABUSO SEXUAL</b> .....	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	<b>17</b>
4.1	ESTUDO I – LEVANTAMENTO DAS FACULDADES .....	17
4.2	ESTUDO II - QUESTIONÁRIO .....	18
4.3	ANÁLISE DE DADOS .....	19
<b>5</b>	<b>RESULTADO E DISCUSSÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os maus-tratos infantis referem-se a todas as formas de danos à saúde, desenvolvimento, sobrevivência e dignidade da criança, sejam eles físicos e/ou psicológicos, abuso sexual, negligência, comercialização e/ou exploração de crianças e adolescentes (GOMEZ, et al., 2014). Qualquer mudança no cotidiano consideradas prejudiciais a relações sociais, adequação de ambiente e de desenvolvimento são considerados como fatores de risco a criança, que podem ser identificadas por órgãos e entidades responsáveis no acolhimento desse público infantil e garantir a proteção adequada ao indivíduo (MAIA, et al., 2005).

A escola como agente de proteção, pode e deve atentar-se diante de situações que podem ser sinais de alguma violência cometida contra as crianças e adolescentes, entretanto a falta de conhecimento dos profissionais atuantes nesse ambiente é um grande desafio para que seja feito o correto encaminhamento e possivelmente uma solução para o problema.

A preparação acadêmica durante a formação sobre essa abordagem dificilmente acontece, o que é preocupante devido a demanda de casos que aparecem e muitas vezes os profissionais não fazem ideia de como reagir e buscar a ajuda correta e de maneira cuidadosa para preservação da identidade da vítima.

O abuso sexual, um dos tipos de maus-tratos de maior tabu na sociedade, se não identificado imediatamente pode colocar a criança ou o adolescente num risco extremo, inclusive de desaparecimento do aluno da escola e a perda de contato, dificultando o auxílio que este precisa.

Por razão do contexto e da importância do conhecimento sobre maus-tratos de uma maneira geral, a necessidade de identificar as entidades responsáveis por cada caso e principalmente pela falta de ciência da equipe escolar para serem de fato agentes de proteção, há uma grande necessidade de disciplinas, formações ou espaços de estudos como contribuição ao currículo dos cursos de licenciatura e pedagogia, pois as orientações, medidas de proteção, ações e o fato de saber a quem e onde recorrer quando há suspeita de qualquer tipo de maus tratos é um passo muito importante para que essas crianças tenham um apoio e proteção fora do ambiente familiar.

A ciência das possíveis características de vítimas e agressores e dos impactos dessas questões na vida desses indivíduos, o conhecimento da trajetória

escolar e familiar, a importância do olhar sensível para melhor identificar situações e ações diferentes dos alunos em sala ou em sociedade e as medidas de prevenção e de atuação diante de suspeitas, podem auxiliar e muito na ação de proteção do público infantil. Além disso, saber a rede de proteção e órgãos competentes para cada caso, saber falar e questionar os pais sem prejudicar ainda mais a criança, cada detalhe por menor que seja, se trabalhado desde o início da trajetória acadêmica, trará um benefício tanto para os futuros profissionais de educação, quanto para os futuros alunos que precisarão dessa alternativa, quando a família já não for mais seu fator de proteção.

Neste trabalho, será apresentado algumas características sobre cada tipo de maus-tratos, os impactos a vida dos envolvidos, sendo eles vítimas ou agressores, pesquisas relacionadas ao tema e estudos dirigidos com base teórica, pesquisa de campo e análise do conhecimento e sugestões de estudantes em trajetória acadêmica do curso para formação docente.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O Abuso Sexual é uma violência cometida contra crianças e adolescentes que pode ser caracterizado como maus-tratos. Existem algumas definições do Abuso sexual, que irá adequar-se de acordo com características específicas de cada caso, como por exemplo a idade entre as vítimas e seus agressores, a diferença de poder entre eles e a presença ou não de penetração.

Para melhor identificar os casos, é preciso analisar se a criança faz parte de um ambiente saudável, se frequenta médico regularmente, se há participação da família nas etapas fundamentais de desenvolvimento e ensino e se houve algum tipo de trauma. Na escola, além das observações citadas anteriormente, pode-se analisar comportamentos anormais ao perfil do aluno, como esquiva aos colegas, professores e demais pessoas, conversas ou brincadeiras voltadas a interesses sexuais, sinais de masturbação e até mesmo sentimentos compulsivos de choro, medo ou raiva, e repetição de queixa de dores pelo corpo ou em áreas genitais (AZNAR-BLEFARI, et al., 2016).

É possível e necessário o conhecimento prévio e preparação dos profissionais para que esses problemas sejam encaminhados corretamente, sem colocar ainda mais em risco o aluno ou aluna que precisa de auxílio.

Durante a formação, os futuros professores lidam com metodologias de ensino e teorias para preparação profissional, mas o que não se sabe é se essas disciplinas possuem espaço para a discussão de temas que envolvem maus-tratos e se em algum momento os graduandos possuem contato com essa temática. Com base nisso, sugere-se uma adequação dentro dos currículos e das disciplinas para que a abordagem do tema seja feita na trajetória acadêmica, assim como na sua capacitação continuada, para assim ser possível a intervenção dos profissionais de maneira efetiva nos casos que possivelmente possam aparecer.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Identificar o conhecimento de abuso sexual por professores do ensino infantil.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Apontar as principais formas de abuso, suas consequências e impactos;
- Identificar se a temática do Abuso Sexual é abordada nos currículos do curso de Pedagogia;
- Descrever se o conhecimento foi adquirido na formação inicial e /ou continuada.

## 2 MAUS TRATOS INFANTIS: ABUSO SEXUAL

Os maus tratos contra crianças e adolescentes podem ser físicos, psicológicos, negligência e sexuais. O Abuso Físico é aquele no qual resultam danos reais ou potenciais devido à presença ou não de uma interação com a pessoa responsável ou sob poder e confiança da criança, ocasionando muitas vezes situações de intuito disciplinar abusivo, punitivo e correção e controle da criança, acompanhada na maioria das vezes por cenas de agressões, torturas, cicatrizes e ferimentos graves causados por objetos utilizados para tal fim. O Abuso Psicológico não envolve a relação física entre o cuidador e a criança, entretanto causa danos tão prejudiciais quanto. Consiste normalmente em exposição à situações traumáticas (violência familiar), ameaças, sentimento de vulnerabilidade, humilhação, menosprezo, discriminação e ambiente aterrorizante a essa criança. A Negligência é um conjunto de ações de desatenção e omissão por parte de quem cuida da criança, ações que colocam em risco a saúde, o desenvolvimento emocional-afetivo, abrigo e condições de vida adequadas e seguras para ela (WILLIAMS, et al., 2009).

O Abuso Sexual, conforme a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da *International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect* (ISPCAN, 2006), é todo e qualquer tipo de ato ou jogo sexual em que os agressores, em condição de responsabilidade, confiança ou poder, estão em estágio de desenvolvimento mais avançado que a vítima, na qual não têm condições de consentimento próprio. O abuso sexual é o menos denunciado pelas vítimas devido ao constrangimento social. (WILLIAMS, et al., 2009).

O abuso para o agressor é um meio de satisfação de prazeres, sendo definido também em categorias, de acordo com a presença ou não de penetração e se ocorreu em ambiente familiar ou extrafamiliar. Sem contato físico, o abuso pode ser via telefonemas obscenos, exibicionismo e *voyeurismo* (observações de pessoas nuas ou em prática de atividades sexuais). Já na presença desse contato entra em questão a ligação dos órgãos genitais, carícias, pornografia e prostituição (HABIGZANG, et al. 2013).

Na maioria dos casos, o abuso acontece de modo intrafamiliar, onde pessoas próximas e de grande afetividade com a criança realizam o abuso. Nos casos extrafamiliares, normalmente são pessoas de fora do convívio da vítima e possivelmente associe-se a exploração sexual. A exploração sexual pode ser

nomeada em 4 situações: *exploração pornográfica*, onde é utilizado e comercializado filmes e imagens com cenas sexuais ou partes genitais de crianças e adolescentes; *tráfico*, onde ocorre aliciamento e intercâmbio ilegal de crianças através de agências de modelo, turismo e propostas de trabalho falsos; *exploração sexual agenciada*, onde pessoas (cafetões) e serviços (bordéis) são os intermediários nas atividades ou materiais sexuais da criança; e por último a *exploração sexual não agenciada*, onde a prática de atos sexuais da criança ou adolescente envolvido é realizada em troca de recompensas financeiras, favores e até mesmo por drogas (AZNAR-BLEFARI, et al., 2016).

## 2.1 CARACTERÍSTICAS DO ABUSO SEXUAL

As crianças e adolescentes que são vítimas do abuso sexual comumente já vem de um histórico de vulnerabilidade, envolvimento com álcool e/ou entorpecentes, violência doméstica, autoritarismo, transtornos psíquicos, estresse, desemprego e diversos outros fatores que contribuem para a prática do abuso (HABIGZANG, et al. 2013). Os sinais da violência muitas vezes são despercebidas, sendo possível sua identificação em consultas médicas e na repetição de expressões e atitudes da criança, podendo variar de um choro sem motivos até o silêncio absoluto, além das marcas da agressão ou a esquiva da criança diante de comportamentos de outras pessoas que possam lembrar os acontecimentos traumatizantes.

Características da saúde da criança podem ajudar a identificar o ato sexual, pois muitas vezes decorrente ao ato precoce, infecções urinárias e dores nas regiões íntimas frequentes aparecem nas vítimas, acompanhadas por queixas de secreções e sangramentos irregulares, doenças sexualmente transmissíveis (identificadas em consultas médicas), queixas demasiadas de dores na cabeça e na barriga etc. As questões comportamentais também expressam significados que necessitam de uma maior atenção, principalmente quando a criança inicia conversas, brincadeiras, comportamentos sexuais anormais a idade, também a desconfiança nos adultos que a cercam, vergonha e alegação de abuso, agressividade, entre outras que variam de caso a caso. O perfil da família normalmente é outro importante aspecto na identificação da violência. Normalmente há ocultação do abuso, alega outros agressores para proteger o real abusador, é uma família mais possessiva, que priva

a criança do convívio social e acabam colocando a culpa nela das atividades sexuais, muitas vezes alegando que ela faz isso fora de casa também (Williams, et al., 2009).

Williams et al (2009) também menciona as etapas difíceis que a criança passa após o primeiro ato de violência sexual, onde a depressão, raiva, tristeza, isolamento, medo, insegurança, choro e diversos outros aspectos tomam conta do psicológico dela, pois muitas vezes o sentimento de culpa e o receio da desestruturação da família esquivam toda e qualquer chance da vítima buscar auxílio, e por isso, ter atenção aos sinais mais simples, podem ajudar na identificação e no apoio a essa criança.

## 2.2 CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL

O abuso pode ter inúmeras consequências, mas estas estão relacionadas com a fase de desenvolvimento que os mesmos acontecem, relação do agressor com a vítima, - se há grau de parentesco - se teve presença de violência no ato e se houve ou não suporte diante da denúncia (Brino et. al, 2011). As consequências em sua maioria são de âmbito psicológico, como a depressão. É importante ressaltar que com relação a depressão, é preciso um diagnóstico para identificá-lo precisamente, pois ela ocorre por diversos fatores e não somente na situação de abuso sexual. Além dela, o Estresse Pós-Traumático, Transtornos de Humor e Transtornos Psicóticos são outras consequências encontradas diante dos casos de abuso.

O estresse pós-traumático pode ser entendido e apresentado como sintomas característicos depois da exposição da vítima com a situação traumática, dependendo do tempo, proximidade e a gravidade do fato para ser analisado, o que influencia diversas questões além do próprio abuso, como as sociais, variações de personalidade e possíveis transtornos mentais, que podem ou não estarem presentes e contribuir para a gravidade do problema. Os transtornos de humor variam de uma pessoa a outra, podendo protagonizar a tristeza ao extremo, raiva, frustração e também a mistura de sentimentos como a culpa por exemplo, que podem agravar ainda mais a situação da vítima. Já o psicótico envolve as questões de medo e insegurança, onde a criança ou adolescente pode confundir quaisquer seja os acontecimentos ou pessoas com aquilo que a agrediu sexualmente, tendo a esQUIVA em meio a sociedade e a afetividade com as pessoas e com o meio. Muitas vezes a vítima pode apresentar alucinações e se perturbar facilmente com o que a cerca,

necessitando de um melhor tratamento e auxílio por parte das entidades responsáveis.

Os flashbacks do transtorno de estresse pós-traumático, devem ser diferenciados das ilusões, alucinações, e perturbação da percepção. Apesar de sanados os outros problemas clínicos, permanecem os danos emocionais, e as crianças e adolescentes deverão ser acompanhados com apoio psicoterapêutico e social. (Williams, et al., 2009, p.22)

### 2.3 AGRESSORES SEXUAIS

Para melhor auxílio na prevenção do abuso sexual infantil há uma necessidade em reconhecer o perfil das pessoas que praticam o abuso contra as crianças e adolescentes, tentando identificar os fatores que as levam a praticar tal ato e entender quais os mecanismo que utilizam para realizar o abuso. Os agressores sexuais, apesar de não ter um consenso único sobre sua definição, “são indivíduos que podem pertencer a qualquer classe socioeconômica, raça, grupo étnico, sexo ou religião” (Serafim, et al, p. 106, 2009).

Uma característica importante de se ressaltar é a diferença do termo Pedofilia e agressores sexuais. A primeira se refere a um tipo de transtorno parafilico, onde a pessoa em questão possui a preferência sexual por crianças pré púberes e nem sempre comete o ato sexual para se satisfazer do prazer, e pode ter fantasias. Cabe mencionar que existem vários perfis de pedófilos. Esse tipo de perfil normalmente se satisfaz com parceiros sexuais adultos, o ponto a mais que existe é esse “fetiche” sexual por crianças, sem preferência de gênero. Os agressores sexuais, entretanto, podem cometer abuso contra crianças pré púberes, pois normalmente não escolhem a idade para cometer o abuso. Embora ambos sejam descritos como pessoas com problemas psiquiátricos, os abusadores sexuais utilizam isso apenas para justificar as violências cometidas a vítima (Aznar-Blefari, et. al, 2016).

De acordo com um estudo, o perfil do agressor é do gênero masculino, que possui algum vínculo com a vítima, tem em média 30 ou 40 anos de idade e sofre de algum fator de risco (estresse, abuso de álcool e/ou drogas, desemprego etc). Por ser a maioria homens, é importante ressaltar que não se deve excluir a possibilidade de mulheres abusadoras, pois assim como citado acima, tudo depende dos fatores de risco. A idade média do início do comportamento sexual desviante é de 18 anos, o que pode ser identificado cedo se levar em conta os fatores de risco apresentados

pelos comportamentos do agressor dependente de pornografia para excitação, fantasias com crianças abordadas antes dessa idade, vida sexual inexperiente e atos antissociais precoces (Aznar-Blefari, et. al, 2016).

### 3 PESQUISAS RELACIONADAS AO ABUSO SEXUAL

As pesquisas relacionadas ao abuso a serem abordadas neste trabalho referem-se tanto a prevalência do abuso, do conhecimento e dificuldades dos profissionais que atuam com as vítimas.

Sanchez (2001) entrevistou pais, crianças (8 a 12 anos) e professores para levantar dados acerca de abuso sexual. O objetivo deste estudo é obter o grau de conhecimento que cada um dos grupos possuem. Concluiu-se a importância de elaborar projetos que visem trabalhar a prevenção do abuso, se desvinculando de uma intervenção errônea e ensinando-os a atuar de forma correta para prevenir e identificar possíveis casos de abuso.

Um estudo de caso de Catula Pelisoli e Debora Dell'Aglio (2008) entrevistou uma menina de 13 anos de Porto Alegre abusada sexualmente pelo pai. O objetivo do estudo é investigar como a menina percebe a família, em termos de afetividade, hierarquia, conflito, coesão e relações de identificação. Para isso foi realizada entrevista semiestruturada, entrevista sobre a família, FAST (técnica tridimensional que possibilita avaliar a percepção do indivíduo sobre sua família em termos de hierarquia e coesão), teste de identificação da família e familiograma. O ambiente familiar também foi investigado e constatou-se que se for menor o conflito e forem maiores a expressividade e coesão familiar, melhor será seu prognóstico.

O Estudo de Magalhães Carvalho et al (2009) teve por objetivo analisar como é a percepção de mães cuja a filha foi vítima de abuso sexual infantil. O estudo contou com o depoimento de 10 mães, cada uma tendo sua entrevista individual, respeitando a privacidade das mesmas. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. O resultado do estudo traz mães que sentem a culpa arraigada, que sentem-se impotente diante da situação e que lidam com a dor do insuperável. A mãe é considerada como vítima secundária, necessitando também de cuidados. Portanto, concluiu-se a urgência de uma rede social de apoio a toda família.

Um estudo realizado em setembro de 2014 em Teresina/PI, analisou prontuários de atendimento a vítimas de violência sexual do sexo feminino, notificados pelo Serviço de Assistência à Mulher Vítima de Violência Sexual (SAMVVIS), totalizando 3353 prontuários de crianças, adolescentes e mulheres adultas. Destes, foram selecionados 700 casos, nos quais apontaram em sua maioria agressores do sexo masculino com média de 36 anos de idade, vítimas em sua maioria na faixa

etária entre 12 e 14 anos e agressores próximos ao cotidiano delas, sendo na maioria pais ou padrastos. Conclui ainda sobre a importância dos profissionais da saúde intervirem de forma holística e multidisciplinar, para que os efeitos de tal agressão sejam minimizados naquele momento e atuem como rede de apoio à vítima (Soares, et al, 2016).

Lima (2018) apresenta resultados de pesquisa sobre denúncias referentes ao abuso sexual no Distrito Federal e no Brasil. Sua fonte foi uma matéria do Correio Braziliense, em 2017, que aponta 1 vítima de abuso por dia no DF, sendo que no primeiro semestre deste mesmo ano houve 9138 denúncias pelo país e 213 delas no DF. Em 2016, durante o período anual, foi registrado pela mesma fonte 17523 vítimas no país e no DF 302. A autora destaca a importância da união de profissionais da educação e demais setores para comunicar a população da importância da denúncia para melhor análise do ocorrido.

Cavalcante et al (2019) objetivam descrever a dificuldade que os enfermeiros que trabalham com crianças vítimas de violência sexual encontram na profissão, dentre eles destaca-se a falta de uma formação forense e a falta de investimento do governo. O estudo também dá ênfase ao tratamento humanizado deste profissional, o qual é geralmente o primeiro contato que a vítima tem com um profissional.

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Com base nos estudos teóricos e na busca por informações sobre o tema em questão, foram utilizados dois métodos de pesquisa para o aprofundamento do enfoque principal, onde foi montado uma tabela com base nos currículos dos cursos de Pedagogia das principais faculdades e universidades do estado do Paraná, buscando disciplinas que possivelmente teriam espaço para essa discussão (ESTUDO I) e também um questionário voltado aos estudantes de Pedagogia sobre a trajetória acadêmica desses discentes, buscando informações sobre a abordagem do abuso sexual e os demais tipos de maus tratos no decorrer da formação (ESTUDO II).

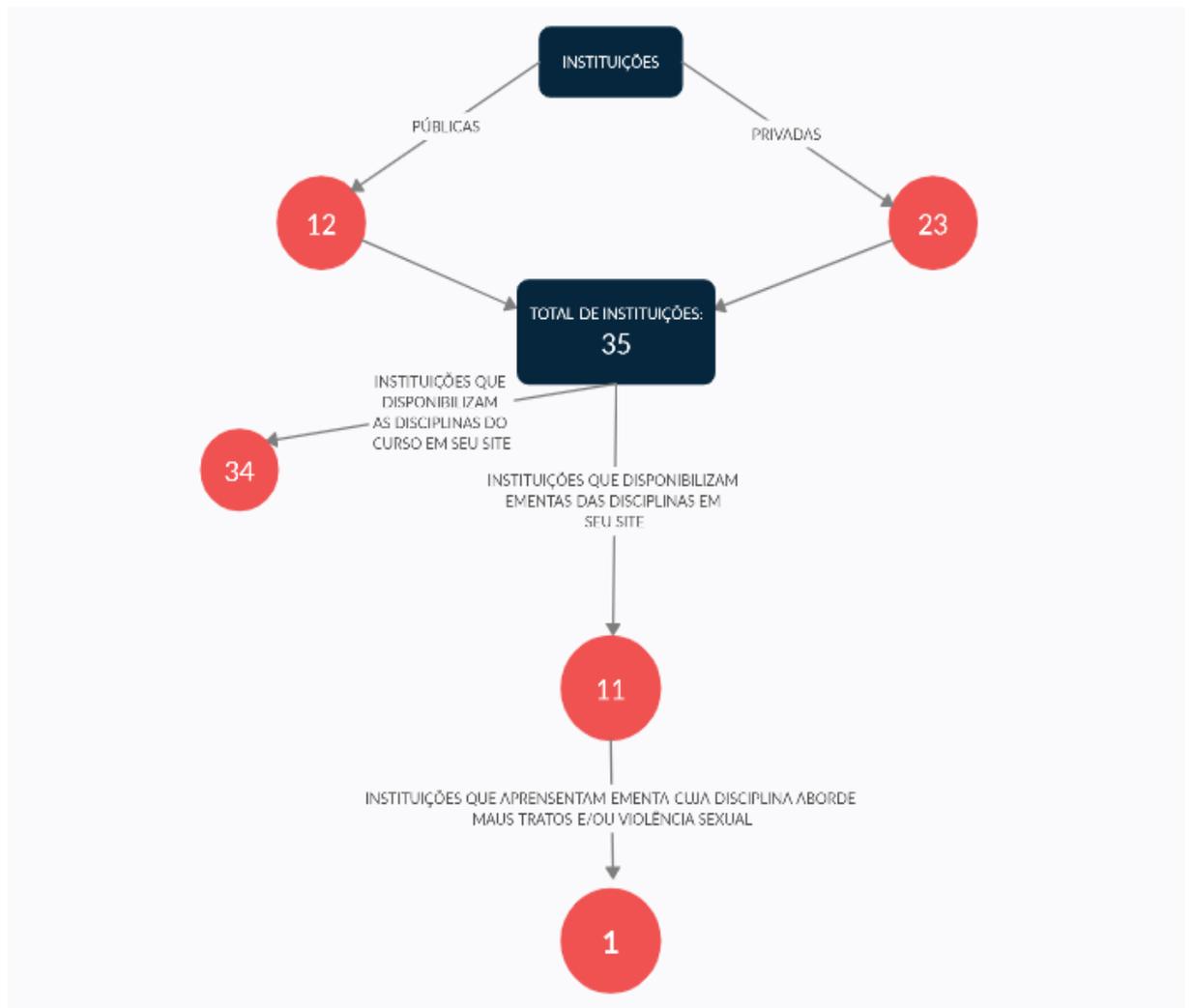
### 4.1 ESTUDO I – LEVANTAMENTO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO QUE OFERECEM DISCIPLINAS SOBRE MAUS-TRATOS EM SUA MATRIZ CURRICULAR

Foi realizada uma pesquisa sobre as instituições no Estado do Paraná - públicas e privadas - que ofertam o curso de Pedagogia, sendo elas nas modalidades presencial, semipresencial ou ensino a distância. O critério utilizado nessa busca teve como principal enfoque as instituições de cidades maiores, para ter uma visão mais simplificada, porém significativa para a pesquisa.

Para este estudo, foram encontradas um total de 35 instituições, localizadas entre as cidades de Curitiba, Francisco Beltrão, Cascavel, Guarapuava, Paranavaí, Apucarana, Paranaguá, União da Vitória, Foz do Iguaçu e Jacarezinho. Após fazer o levantamento das faculdades buscamos no site de cada instituição a sua matriz curricular. Dentre todas, apenas uma faculdade da cidade de Foz do Iguaçu não disponibilizou sua matriz no site.

Feito isso, buscamos as instituições que apresentavam a ementa em sua página, a fim de identificar disciplinas que abordassem a temática de violência sexual. Das 35 instituições, apenas 11 tinham as ementas das disciplinas disponíveis, entretanto apenas uma disciplina dentre todas abordava o tema de violência sexual (MAPA 1)

### MAPA 1 – LEVANTAMENTO DAS FACULDADES



Fonte: As autoras (2020)

## 4.2 ESTUDO II - QUESTIONÁRIO

A partir do levantamento feito no Estudo I, foi dada continuidade a busca de informações sobre a formação de professores com um questionário elaborado pelas orientandas deste trabalho.

O público alvo foram os estudantes do curso de Pedagogia, obtendo um retorno de 44 alunos durante os 10 dias de disponibilidade para respostas. O formulário foi elaborado e compartilhado pela ferramenta *Google Forms* para a

coordenação do curso da Universidade Federal do Paraná e em seguida repassada aos estudantes.

Primeiramente foi colocado no formulário uma autorização dos participantes para a coleta de dados, garantindo sigilo dos autores das resposta e fazendo uma análise de idade, gênero, instituição de ensino e ano de ingresso.

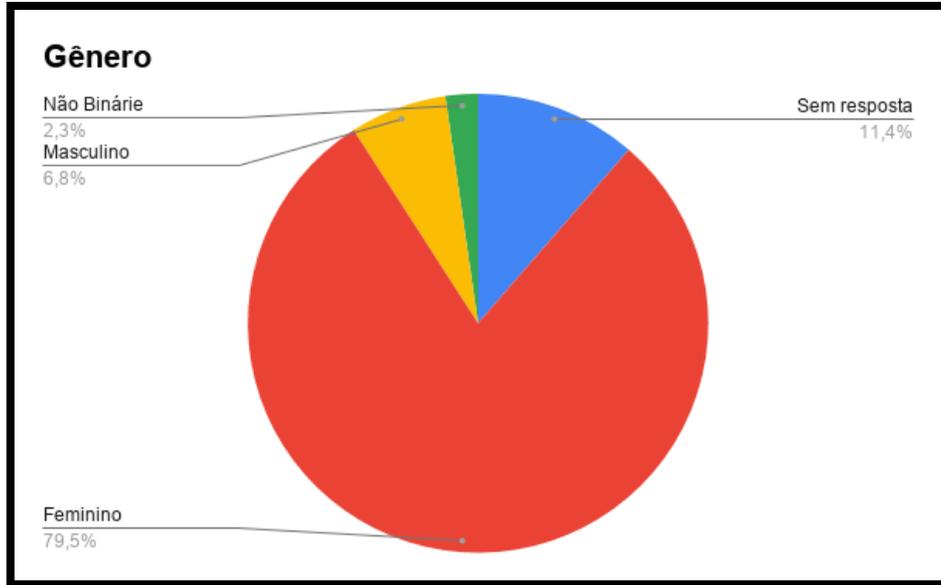
Em seguida, dando início a seção de perguntas sobre o tema, procurou-se identificar nas duas primeiras questões o conhecimento dos alunos sobre maus tratos contra as crianças e adolescentes, buscando inclusive saber quais tipos de maus tratos específicos os alunos conheciam e se tiveram oportunidade de aprender ou discutir sobre isso em disciplinas obrigatórias do curso.

Na sequência, mais especificamente, as perguntas buscaram identificar se os alunos sabiam o que era um pedófilo, o que era um agressor sexual e se ambos eram sinônimos, dando abertura para uma questão sobre o abuso sexual e se achavam necessário abordar o tema de maus tratos em geral na formação de professores. Após a pesquisa dirigida, foi aberto um espaço para sugestões e contribuições que os participantes acreditam ser relevantes acerca do tema em questão.

#### 4.3 ANÁLISE DE DADOS

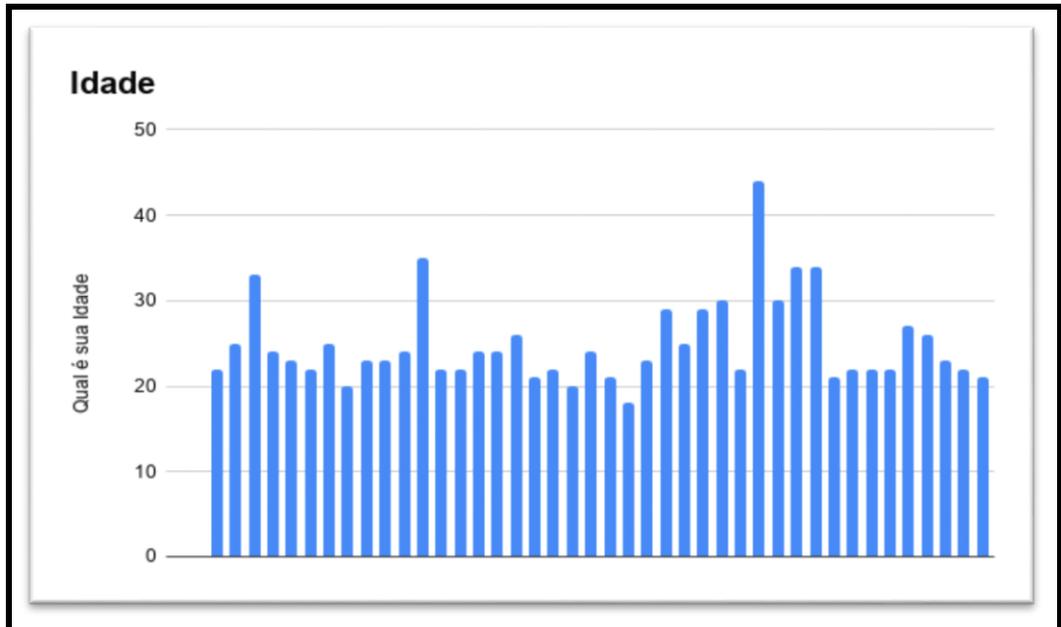
O questionário em sua totalidade alcançou 44 estudantes do curso de Pedagogia, sendo destes a maioria do gênero feminino, correspondente a 79,5% dos participantes, 6,8% do sexo masculino, 2,3% não binário e 11,4% que não responderam. A idade média dos alunos é de 23 anos, como mostram os exemplos abaixo (GRÁFICO 1 E 2):

GRÁFICO 1 – GÊNERO



Fonte: As Autoras (2020)

GRÁFICO 2 – IDADE

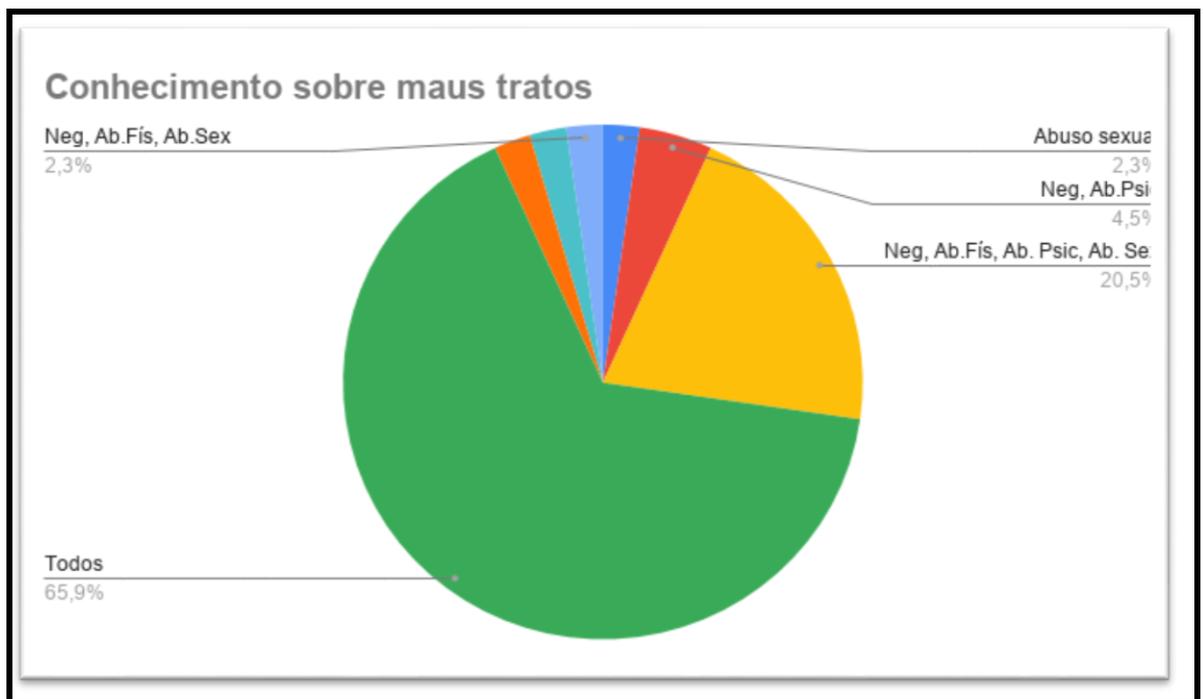


Fonte: As autoras (2020)

Todos os estudantes são de instituição pública de ensino, mais especificamente da Universidade Federal do Paraná e do curso de Pedagogia, com uma média de ingresso nos anos de 2016 e 2017.

Já dando ênfase ao foco principal da pesquisa, iniciou as questões mais diretas à temática, onde foi perguntado aos estudantes se eles sabiam ou já tinham ouvido falar sobre maus tratos contra crianças e adolescentes. Com a resposta unânime, todos disseram que sim. A seguir, foi perguntado de uma maneira mais específica sobre os tipos de maus tratos que eles tinham conhecimento, onde as respostas eram de múltipla escolha com as opções de: Negligência, Abuso Físico, Abuso Psicológico, Abuso Sexual e Exploração sexual. Veja a seguir (GRÁFICO 3):

GRÁFICO 3 - CONHECIMENTO SOBRE MAUS TRATOS



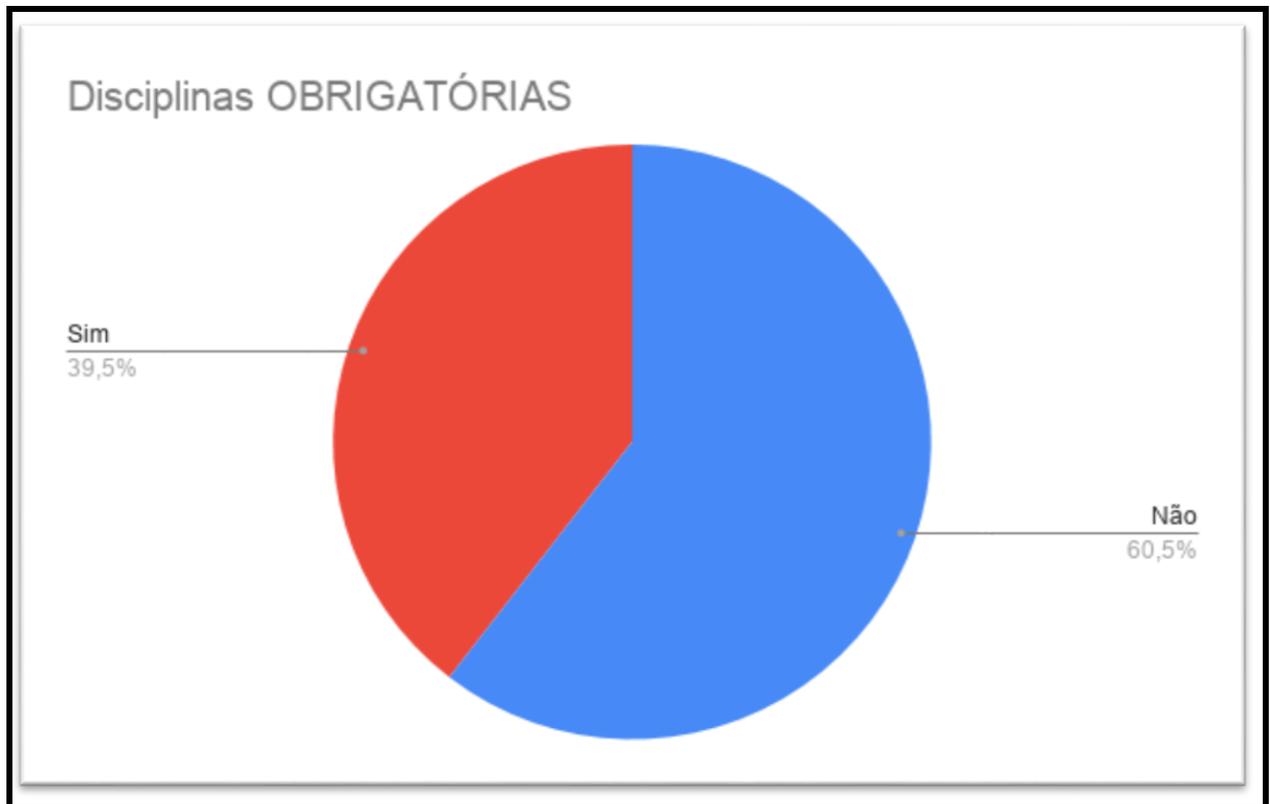
Fonte: As Autoras (2020)

Observando o gráfico anterior, conclui-se que 65,9% dos participantes da pesquisa tinham conhecimento de todos os tipos de maus tratos citados no questionário; 20,5% conheciam a Negligência, Abuso Físico, Abuso Psicológico e Abuso Sexual; 2,3% conheciam Negligência, Abuso Físico e Abuso Sexual; 4,5% conheciam Negligência e Abuso Psicológico e 2,3% tinha ciência apenas do Abuso Sexual.

No curso de Pedagogia, a diversidade de disciplinas metodológicas e de base teórica muito rica em informações são um dos pontos mais importantes para a formação do acadêmico. Com relação ao conhecimento sobre o tema de maus tratos, foi elaborado uma questão para verificar sobre a existência dessa abordagem nas disciplinas obrigatórias do curso.

Em análise das respostas, observa-se que 60,5% dos estudantes NÃO tiveram contato com a temática e 39,5% já discutiram nas disciplinas obrigatórias, como mostra a seguir (GRÁFICO 4):

GRÁFICO 4 – DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

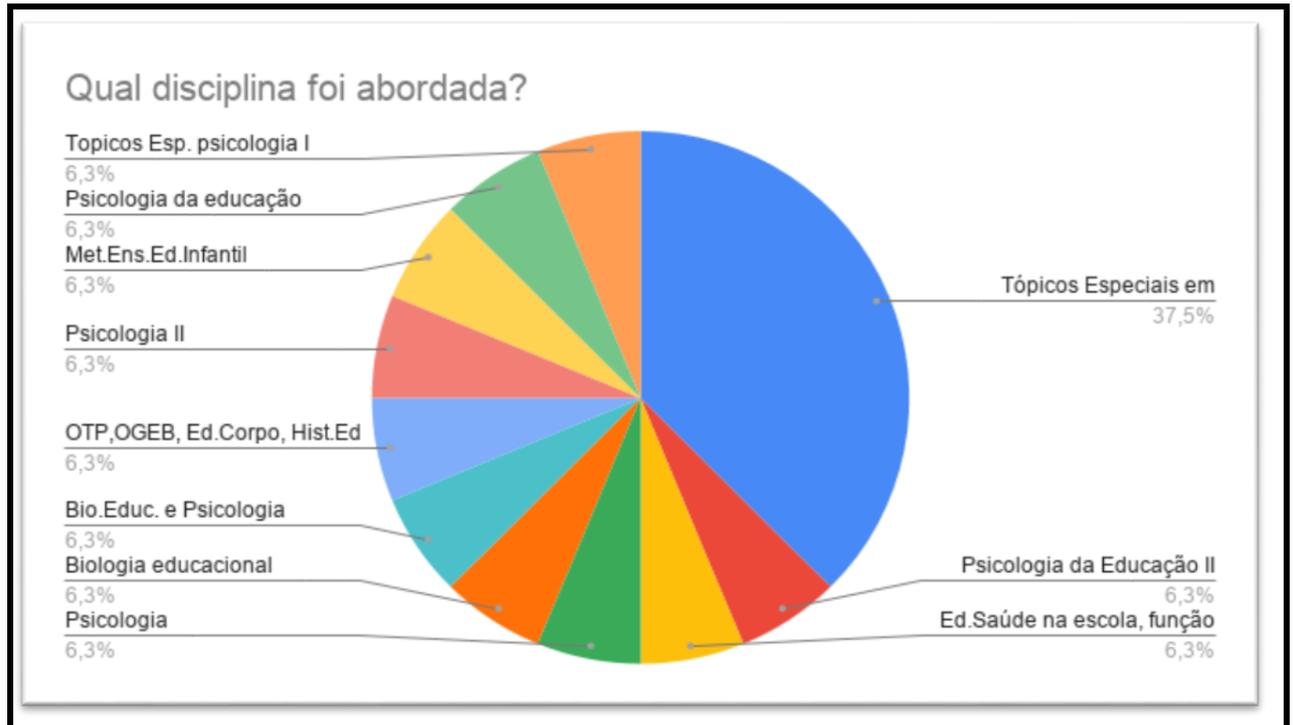


Fonte: As Autoras (2020)

Dos acadêmicos que tiveram os maus tratos como pauta de discussão em alguma disciplina obrigatória, 37,5% deles conheceram através de Tópicos Especiais em Psicologia da Educação. Dentre as demais estatísticas, aparecem as disciplinas de Educação em Saúde na Escola, Organização do Trabalho Pedagógico, Biologia Educacional, Psicologia I e II, Organização e Gestão da Educação Básica,

Metodologia do Ensino da Educação Infantil, História da Educação e Função Social do pedagogo (GRÁFICO 5):

GRÁFICO 5 – DISCIPLINAS QUE CITAM OS MAUS TRATOS



Fonte: As autoras (2020)

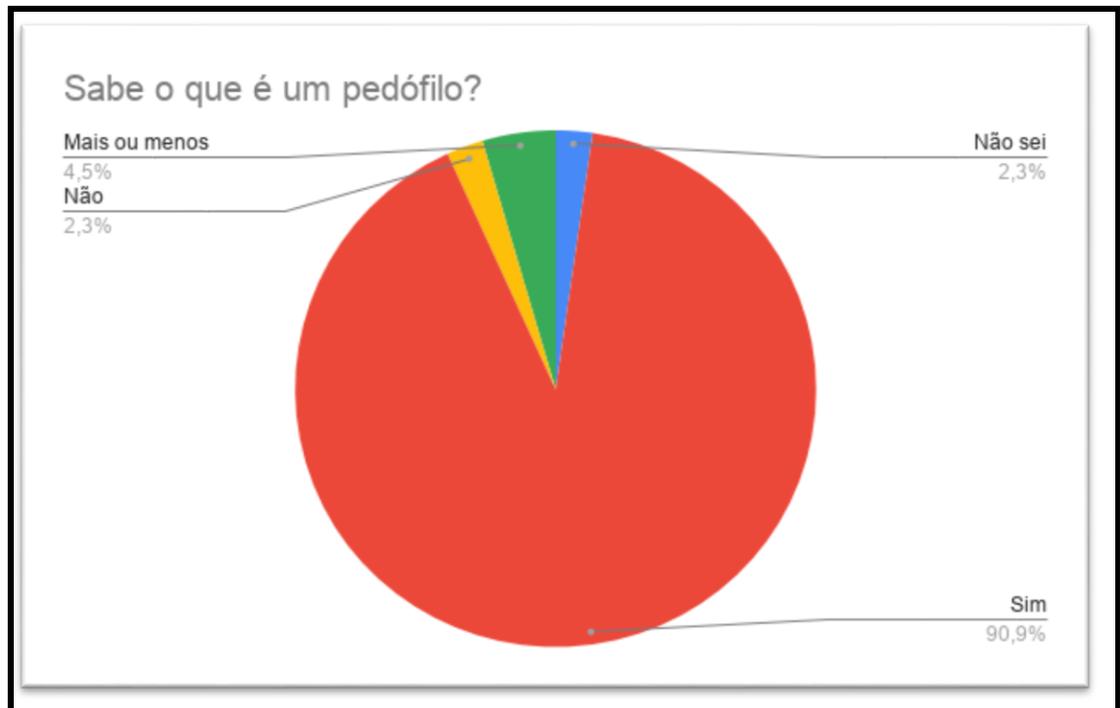
Com base nessas informações, foram elaboradas três questões com o objetivo de saber o que os estudantes sabiam sobre pontos de maior tabu dos maus tratos em geral: pedófilos, agressores sexuais e abuso sexual. Em observação as respostas, a maioria dos participantes colocaram que sabiam o que significava os termos questionados. Com relação a pergunta sobre pedófilos, 90,9% sabiam a que se referia; 4,5% mais ou menos e 4,6% não sabiam (GRÁFICO 6).

Sobre os agressores sexuais, 79,5% sabiam sua definição, 13,6% mais ou menos, 4,5% não sabia e 2,3% respondeu 'ok' mas não foi identificado sua opinião (GRÁFICO 7).

A pergunta que buscou identificar se todos os pedófilos são agressores sexuais teve uma divisão maior de respostas, sendo 50% das respostas dizendo que

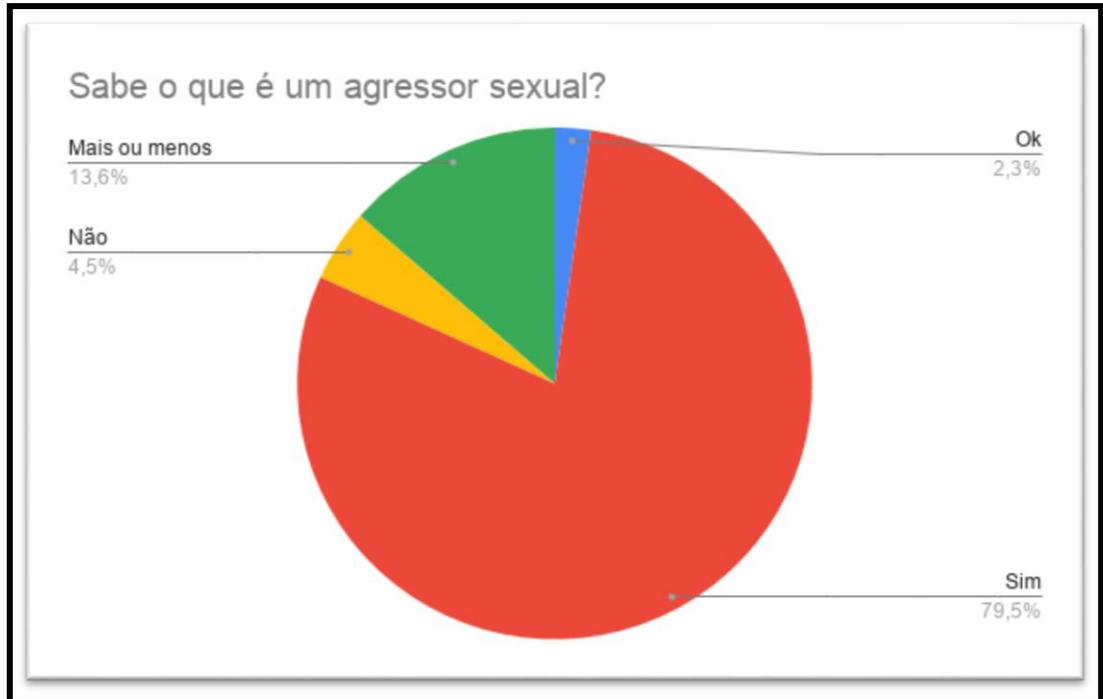
não, 31,8% responderam que sim e 18,2% que não souberam responder (GRÁFICO 8):

GRÁFICO 6 – CONHECIMENTO SOBRE O PEDÓFILO



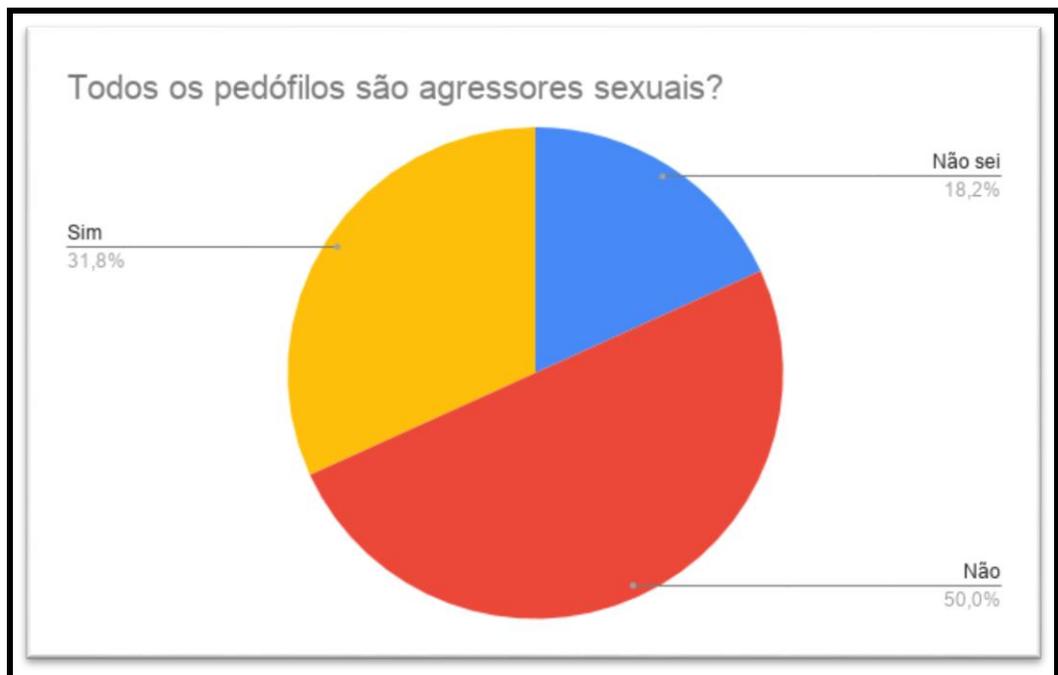
Fonte: As Autoras (2020)

GRÁFICO 6 – CONHECIMENTO SOBRE OS AGRESSORES SEXUAIS



Fonte: As Autoras (2020)

GRÁFICO 7 – TODOS OS PEDÓFILOS SÃO AGRESSORES SEXUAIS



Fonte: Própria (2020)

Finalizando o questionário, foi deixado um espaço para sugestões e contribuições que os participantes considerassem relevantes a pesquisa, onde teve alguns incentivos a continuação da pesquisa, felicitações pela iniciativa sobre a abordagem do tema no curso e também sugestões de repasse a coordenação do curso para propor disciplinas optativas ou ementas específicas dentro das disciplinas já existentes. Foi agradecido a todos pela participação, pelo retorno a nossa iniciativa e encerramos o período de respostas dez dias após divulgação.

## 5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Em análise aos dois estudos, observamos o quanto está defasado o ensino e prevenção aos maus tratos e a violência sexual contra as crianças e adolescentes na formação de professores e pedagogos. No Estudo I vemos o quanto está em falta essa temática dentro das universidades, e isso não se restringe a rede pública ou privada, é um dado restrito mas que mostra o quanto essa abordagem é esquecida e não citada aos futuros profissionais que podem ajudar muito nessas situações de prevenção e identificação dos diversos tipos de abuso. Com esse resultado, é importante lembrar a grande importância da elaboração de projetos que tragam essas informações, assim como menciona Sanchez (2001) em uma das pesquisas aqui analisadas anteriormente.

Embora os cursos tenham uma matriz curricular por muitas vezes parecidas, as ementas variam muito de um professor a outro. Apesar dos estudantes serem da mesma instituição - no caso dos que responderam o questionário - os alunos têm conhecimentos distintos, dependendo muitas vezes do que o docente pode trazer, se é pouca ou muita carga horária sobre determinadas temáticas.

No caso da Universidade Federal do Paraná, obteve-se muitas sugestões e opiniões com relação a essa ausência de abordagem sobre os maus tratos e a violência sexual, como consta em um dos relatos em nossa pesquisa: *“Apesar da disciplina ‘Tópicos Especiais em Psicologia da Educação’ ser obrigatória, a ementa não é obrigatória, ou seja, só tive conteúdos acerca do tema, porque tive a sorte de “cair” com a professora que trabalha com isso. Penso que poderia ter uma disciplina com tal ementa obrigatória e não apenas uma, mas mais disciplinas que trabalhassem essas questões, de modo a aprofundar o conhecimento de futuros professores e pedagogos sobre isso”* (Estudante W).

Assim como o comentário anterior, outros participantes da pesquisa fizeram colocações semelhantes: *“Na minha formação pude ter uma excelente disciplina, contudo outros colegas não tiveram a mesma professora e o assunto foi diferente, além do que esse tema não é obrigatório, logo sugiro ser obrigatório para todas as graduações que tem contato com crianças e adolescentes”* (Estudante X).

Entre tantas sugestões recebidas, apareceram também pedidos a encaminhamento à Coordenação do Curso de Pedagogia, a fim de propor oportunidades de ensino sobre o tema: *“Seria interessante levar as sugestões da*

*questão anterior à coordenação do curso para que seja possível implementar algumas delas durante a formação” (Estudante Y).*

O conhecimento, mesmo que pareça ser razoável nas respostas do Estudo II também não é algo que garanta uma preparação de qualidade aos professores, isso porque se basear nos resultados do formulário, a primeira impressão vista principalmente no Gráfico 3 é que os estudantes sabem como lidar com a situação se um dia ela aparecer, mas quando se pensa na questão de quando e como eles tiveram acesso a essa abordagem, é algo de se colocar um parênteses. Será que o abuso sexual é melhor discutido na disciplina de Tópicos Especiais em Psicologia da Educação do que na disciplina de OGEB? Ou será que em Biologia podemos abordar mais a fundo? A disciplina de Metodologia da Educação Infantil entra em todas as possíveis vertentes ou só aponta que existe essa situação nas escolas? É com perguntas parecidas com essas que fica a questão: se nas universidades do Estado apenas uma aborda esse tema em ementa obrigatória, como as informações realmente chegam aos nossos futuros profissionais?

## 6 CONCLUSÕES FINAIS

Em algum momento da trajetória acadêmica é muito provável que os discentes de Pedagogia irão se deparar com alguma fala sobre violência sexual ou outro tipo de maus tratos. Porém, as faculdades e universidades devem dar a visibilidade que esse assunto merece. Trazer uma disciplina obrigatória sobre maus tratos na matriz curricular do curso é uma alternativa e como pudemos observar em nossa pesquisa, os(as) alunos(as) da Universidade Federal do Paraná mostram-se muito interessados(as) no tema e também solícitos a uma disciplina que aborde maus tratos contra crianças e adolescentes.

Sabemos que a criança vê no seu(sua) professor(a) uma relação de confiança, então é preciso formar profissionais que saibam a maneira correta de lidar com a percepção de sinais e possíveis casos de abusos, preservando a identidade e protegendo o seu aluno. Faz-se necessário que professores e pedagogos tenham conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, das leis que protegem seus alunos, sobre fatores de risco e proteção, sobre maus tratos e quais são seus sinais para identificá-los, sobre qual a correta procedência para denúncias. O conhecimento acerca de maus tratos deve servir como um fator de proteção que abranja a todos os alunos, sejam eles vítimas ou não de algum tipo de maus tratos, assim como ressalta um dos participantes do questionário, que usaremos como reflexão final de nossa pesquisa até aqui: *“Todos somos responsáveis pela proteção e segurança das crianças e adolescentes, porém ninguém fala disso, nenhum lugar fala como superar barreiras, principalmente na formação do professor. Preocupa-se tanto nas teorias da aprendizagem, na realidade socioeconômica do aluno, e ninguém diz como devemos estar atentos a agressões que as crianças podem sofrer e como os professores devem agir quanto a isso, o que fazer, como fazer, a quem pedir ajuda e orientação, como se a gente já soubesse. Isso é um assunto que não importa se você sabe de cor, é sempre bom ser lembrado”* (Estudante Z).

## REFERÊNCIAS

- AZNAR-BLEFARI, C ; HOHENDORFF, J. V. ; HABIGZANG, L. F. . **Pedofilia e abuso sexual: Do que estamos falando?**. In: Luísa Fernanda Habigzang; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams; Paula Inez Cunha Gomide. (Org.). A outra face da violência: Agressores em múltiplos contextos. 1ed.Curitiba: Juruá, 2016, v. 1, p. 11-186.
- CARVALHO, Q. C. M. ; GALVÃO, M. T. G. ; CARDOSO, M. V. L. M. L. . **Abuso Sexual Infantil: Percepção de Mães em Face do Abuso Sexual de Suas Filhas.** Rev Latino-am Enfermagem julho-agosto 2009
- CAVALCANTE, C. S. ; SIQUEIRA, S. C. ; SANTANA, T. S. ; ARAÚJO, K. C. . **Assistência de Enfermagem em crianças que sofreram abuso sexual** . Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás - RRS-FESGO, Vol. 2, No 1 (2019).
- GOMEZ, V. R. V. ; BAZON, M. R. **Associação Entre Indicadores de Maus Tratos Infantis e Problemas Desenvolvimentais em Crianças em Início de Escolarização.** Journal of Human Growth and Development 2014; 24(2): 214-22.
- HABIGZANG, L. F. ; SILVA, R. S. ; KOLLER, S. H. . **Violência sexual contra crianças e adolescentes: Definições, mitos e indicadores.** In: Michele Poletto; Ana Paula Lazaretti de Souza; Sílvia Helena Koller. (Org.). Direitos humanos, prevenção à violência contra crianças e adolescentes e mediação de conflitos: Manual de capacitação para educadores. 1ed.Porto Alegre: Ideograf, 2013, v.1,p. 190-204.
- LIMA, C. M. . **Abuso Sexual de crianças e adolescentes e inclusão social.** Educação: Saberes e Práticas, v.7, n.1 (2018).
- MAIA, J. M. D. ; WILLIAMS, L. C. A. **Fatores de Risco e Fatores de Proteção ao Desenvolvimento Infantil: Uma Revisão da Área.** Temas em Psicologia – 2005, Vol. 13, nº 2, 91 – 103.
- MELO, Taciana Feitosa de; , Anaysa Camara de Souza; FLÖERING, Isabella Queiroga R.; MUNIZ, Lucilayne Maria da Silva. **Abuso Sexual e seus Possíveis Efeitos no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.** Psicólogo, [S.l.]. (2015).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE & SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA PREVENÇÃO AO ABUSO E NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA. **Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generation evidence.** WHO Library Cataloguing in Publication. 2006.
- PELISOLI, Cátula. ; DELL’AGLIO, D. D. **Do Segredo à Possibilidade de Reparação: um estudo de caso sobre relacionamentos familiares no abuso sexual.** Capa > v. 1, n. 2 (2008).

SANCHEZ, Amaia Del Campo. . **Conhecimentos e atitudes dos pais, menores e professores em relação ao abuso sexual.** Aná. Psicológica v.19 n.2 Lisboa abr. 2001.

SERAFIM, AP ; SAFFI, F. ; RIGONATTI, Sérgio Paulo ; CASOY ; Barros, DM . **Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças.** Revista de Psiquiatria Clínica (São Paulo. Impresso) , v. 36, p. 101-111, 2009.

SOARES, E. M. R. ; SILVA, N. L. L. ; MATOS, M. A. S. ; ARAÚJO, E. T. H. ; SILVA, L. S. L. ; LAGO, E. C. **Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes.** Revista Interdisciplinar, ISSN-e 2317-5079, ISSN 1983-9413, Vol. 9, Nº. 1, 2016, págs. 87-96.

WILLIAMS, L.C.A ; PADOVANI, R.C ; ARAÚJO, E.A.C ; PEREIRA, A.C.S ; ORMEÑO, G.R ; EISENSTEIN, E. **Fortalecendo a Rede de Proteção da criança e adolescente.** (2009)